

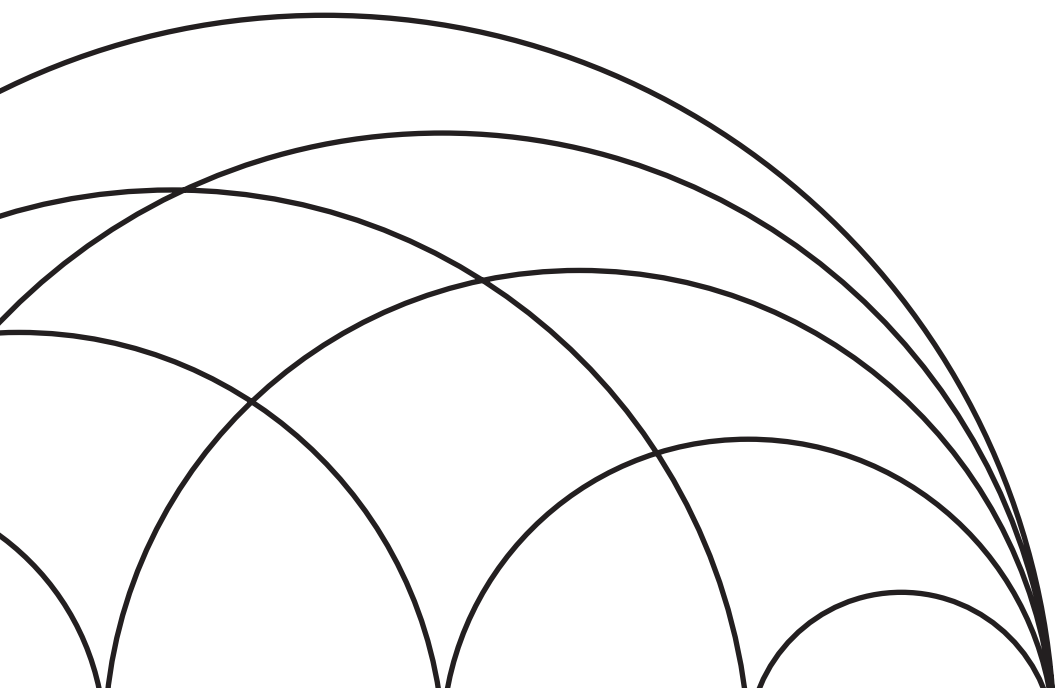
Primeiro, o corpo

Corpo biológico,
corpo erótico
e senso moral

Christophe Dejours



Tradução **Vanise Dresch**





Primeiro, o corpo

Corpo biológico,
corpo erótico
e senso moral

Christophe Dejours



Porto Alegre · São Paulo · 2019

Copyright © 2003 Éditions Payot & Rivages

Título original: Le corps, d'abord

CONSELHO EDITORIAL Gustavo Faraon e Rodrigo Rosp

CAPA E PROJETO GRÁFICO Luísa Zardo

REVISÃO TÉCNICA Luciane Falcão e Renato Moraes Lucas

REVISÃO Fernanda Lisbôa

FOTO DO AUTOR Arquivo pessoal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D327p Dejours, Christophe

Primeiro, o corpo: corpo biológico, corpo erótico e senso moral / Christophe Dejours ; trad. Vanise Dresch. — Porto Alegre : Dublinense, 2019.

192 p. ; 23 cm.

ISBN: 978-85-8318-121-7

1. Psicologia. 2. Psicanálise. 3. Psiquitria biológica.
4. Psicofisiologia. I. Dresch, Vanise. II. Título.

CDD 150.195

Catálogo na fonte: Ginamara de Oliveira Lima (CRB 10/1204)

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Dublinense Ltda.

EDITORIAL

Av. Augusto Meyer, 163 sala 605
Auxiliadora — Porto Alegre — RS
contato@dublinense.com.br

COMERCIAL

(11) 4329-2676
(51) 3024-0787
comercial@dublinense.com.br

7	Apresentação da edição brasileira
11	Introdução
17	Capítulo I A subversão libidinal
25	Capítulo II A “escolha do órgão” na psicossomática
43	Capítulo III O sonho
77	Capítulo IV A terceira tópica
115	Capítulo V A pulsão de morte
135	Capítulo VI Psicanálise, psicoterapia e psiquiatria
141	Conclusão
183	Referências

Apresentação da edição brasileira

É com grande satisfação que apresentamos a tradução para o português do livro *Primeiro, o corpo*, de Christophe Dejours. Esse volume dá seguimento à Coleção da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, constituída de traduções de importantes obras psicanalíticas, que pelas adversidades nacionais e internacionais no campo editorial têm tido dificuldades e significativos atrasos para chegar ao público brasileiro.

É um momento de celebração também da nova parceria da SPPA com a editora Dublinense, para esta coleção, a quem queremos de imediato agradecer à receptividade, o profissionalismo, à disponibilidade, o cuidado e à qualidade da edição. Pensamos que é uma “parceria” na acepção própria da palavra.

Christophe Dejours é um reconhecido psicanalista francês. É professor titular da disciplina Psicanálise-Saúde-Trabalho e diretor de pesquisa na Universidade René Descartes Paris V, no laboratório de Psicologia Clínica, Psicopatológica e Psicanalítica. Professor no Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM), onde dirige a equipe de pesquisa *Psicodinâmica do trabalho e da ação*. É também membro ti-

tular e atual vice-presidente da Associação Psicanalítica da França (APF), Presidente do Conselho Científico da Fondation Jean Laplanche — Institut de France — e membro titular do Institut de Psychosomatique-Pierre Marty.

Dejours é considerado o “pai da psicanálise do trabalho” (a disciplina que estuda as relações psíquicas do homem com seu trabalho, as realizações e o sofrimento nelas envolvidas e as estratégias de defesa para lidar com as diversas aflições, com suas repercussões no corpo e no estabelecimento da identidade individual). O autor tem um considerável número de contribuições publicadas sobre esse tema, muitas das quais traduzidas para o português na forma de artigos e livros. É autor também de diversas contribuições originais no estudo da psicossomática, do mesmo modo, com traduções para o português.

Na confluência destas duas amplas áreas de estudo está o corpo. Sua primeira publicação sobre o assunto data de 1986 (*O corpo, entre a biologia e a psicanálise*), quando delimita cuidadosamente a diferença entre o corpo biológico e o corpo erótico, este último resultado do trabalho de representação do corpo biológico no psiquismo, com seu investimento, suas falhas de representação e sua psicopatologia. O presente volume é uma ampla expansão destes tópicos, com a introdução de compreensões e conceitos inovadores, com grande coerência e particular profundidade metapsicológica.

Dejours parte da “subversão libidinal” (subversão libidinal das funções biológicas em proveito da economia erótica), resultado do trabalho de criação do corpo erótico a partir do corpo biológico, que ocorre em função da interação entre o corpo do bebê e a ação (comprometida pelo inconsciente) de seus cuidadores. Dessa influência mútua, porém dissimétrica, surge tanto a “ordem erótica” (origem da subjetividade, o fundamento da experiência subjetiva e o lugar eletivo onde se vivencia a subjetividade em si), quanto as falhas da erotização, suas descompensações (os diferentes níveis de psicopatologia, do psicossomático ao psicopata,

passando pelo psicótico e pelo paranoico). O autor se dedica a descrever minuciosamente cada uma destas patologias frente à dinâmica da erotização. Iniciando pela psicossomática, propõe uma teoria alternativa à “escolha de órgão”, chegando à “escolha da função”, como a origem individual da orientação de um “alvo orgânico” resultante da “descompensação somática”.

Sublinha que “este livro explicita o processo mediante o qual o corpo erótico se descola progressivamente do corpo biológico”. Nesse caminho, dá um lugar fundamental ao trabalho do sonho na construção do corpo erótico, revisando conceitos freudianos e propondo novas leituras à relação do sonho com a “sexualidade psíquica”.

A partir da compreensão desta complexa trama de subjetivação e não subjetivação, surge a necessidade de redefinir conceitos e estruturas clássicas. Introduce, então, sua concepção de uma “terceira tópica” baseada na clivagem e na existência de um novo espaço inconsciente, o “inconsciente amencial”, termo derivado da “amência” de Meynert, que alude ao que ainda não é mental (a-mencial). *“Por falta de pensamento em sua base, ele não poderia gerar retornos do recalado nem qualquer pensamento novo. O principal modo de reação desse inconsciente amencial seria a desorganização do eu ou o desligamento crítico e o agir compulsivo sem pensamento”*.

Dejours dedica-se cuidadosamente a descrever a circulação dos elementos psíquicos e não psíquicos dentro da nova tópica e a ontogênese da estrutura psíquica neste novo modelo. Dá especial destaque ao papel da clivagem como mantenedora da estrutura, os recursos da ligação entre elementos psíquicos para mantê-la e as importantes consequências de seu desmantelamento.

Jean Laplanche baseou-se nesses conceitos de Christophe Dejours para desenvolver sua própria “terceira tópica”, com o “inconsciente encravado” e sua própria concepção da clivagem, formulações que, ao longo desta obra, são co-jeitadas, contrapostas ou desenvolvidas.

Em suas ricas conclusões, Dejours ressalta, dentre vários outros temas, o papel dos obstáculos que dificultam a formação do corpo erógeno na constituição de uma vulnerabilidade somática e suas manifestações, seja através de sintomas psicopatológicos, seja por arranjos defensivos que reduzem a sensibilidade ao sofrimento (tanto ao próprio sofrimento quanto ao sofrimento alheio), citando como exemplo o caso dos psicopatas. Pergunta-se, então, se essa alienação ao sofrimento poderia estar na base de uma concepção psicanalítica de “senso moral”, parte do subtítulo desta obra.

Trata-se, portanto, de obra inovadora, expondo uma metapsicologia expandida, de alta complexidade e inestimável utilidade clínica. Leitura essencial para a compreensão contemporânea da constituição da subjetividade, suas relações com o corpo, da psicopatologia e da interação com o outro humano.

Queremos finalizar essa apresentação agradecendo a excelente tradução de nossa colaboradora de já longa data, Vanise Dresch, e da cuidadosa revisão da tradução coordenada por nossa colega Luciane Falcão.

Desejamos a todos uma proveitosa leitura!

José Carlos Calich

EDITOR DA COLEÇÃO DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE

Kátia Wagner Radke

COEDITORA DA COLEÇÃO DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE

Introdução

Há quinze anos, em 1986, publiquei *Le corps entre biologie et psychanalyse*¹. Esse livro, hoje esgotado, dividia-se em duas partes. A primeira parte se intitulava “Biologia e psicanálise: o ônus fisiológico”, e a segunda, “O corpo somático e o corpo erótico: a subversão libidinal”. Na primeira parte, fiz uma análise comparativa das leituras biológica e psicanalítica de três questões-chave: a angústia, a memória e o sonho. Observou-se que, em muitos aspectos, podiam ser encontradas convergências consistentes entre as duas abordagens. Por exemplo, acerca da angústia, podemos extrair das pesquisas biológicas contemporâneas, destacadamente no campo da neuroquímica e da psicofarmacologia, descrições rigorosas de transtornos funcionais do sistema nervoso central que correspondem exatamente ao que se caracteriza, na clínica fenomenológica e psicanalítica, como angústia psicótica. Em compensação, surgem, em certos casos, contradições entre as duas abordagens, como, por exemplo, a respeito da memória. Ao fazer uma síntese dos resultados da interpretação comparada, cheguei à conclusão de que em relação a

1 C. Dejours. *O corpo. Entre biologia e psicanálise*, Editora Artes Médicas, 1988, 184 p.

essas três questões-chave, ao contrário das minhas expectativas, *não havia argumento decisivo em favor de um paralelismo biopsicológico*. As combinações entre a vivência subjetiva e os estados instantâneos do corpo biológico certamente não são aleatórias, mas também não são regulares nem reprodutíveis.

A análise comparada das descrições biológica e psicanalítica do corpo (ou do soma) levava a uma segunda conclusão. Mesmo quando se concentra a comparação num problema delimitado, como a memória ou o sonho, constata-se que os próprios termos memória e sonho nas duas abordagens não remetem às mesmas definições nem a problemáticas semelhantes, tampouco a preocupações científicas idênticas. Por exemplo, no que se refere à memória, a biologia se preocupa essencialmente com a recepção, o armazenamento, a estabilização, a recuperação e a evocação das informações. Preocupa-se muito também com a questão da aprendizagem. Ninguém contestará que essas questões pertencem de fato ao campo da memória. Mas a psicanálise não aborda da mesma maneira as questões relativas à memória. Ela se interessa, acima de tudo, pelo esquecimento, pela amnésia, pela deformação das lembranças ou pelos traços persistentes de experiências vividas que têm efeitos consideráveis na vida atual, embora esses traços não sejam conscientes nem mobilizáveis pela consciência voluntária, isto é, são memorizados e esquecidos.

Em outras palavras, a psicanálise delimita um campo de investigação específico diferente daquele da biologia: o dos transtornos funcionais da memória. Mas é preciso dizer que esses transtornos não são considerados *a priori* como deficitários, e sim uma das principais formas de concretização do funcionamento psíquico e da subjetividade. O biólogo, ao contrário, interessa-se pelos transtornos da memória, concebendo-os em sua dimensão instrumental e não em seu significado subjetivo.

Da mesma forma, no caso do sonho, a análise comparada entre a biologia e a psicanálise mostra claramente que o

biólogo orienta suas investigações para o sono e seus transtornos, quando o psicanalista, por sua vez, só se interessa por isso excepcionalmente (por exemplo, quando o bebê apresenta transtornos do sono). Já Freud se interessa pelo sonho, não pelo sono. O biólogo faz hipnologia, o psicanalista interpreta o material onírico. Do ponto de vista do fenômeno, portanto, *as noções de angústia, memória e sonho não remetem aos mesmos objetos de investigação na biologia e na psicanálise.*

A terceira conclusão dessa análise comparativa foi o fato de que o corpo estudado pela biologia e o corpo estudado pela psicanálise não são os mesmos. As deduções feitas a partir dessa constatação devem, contudo, ser muito prudentes. Não parece possível ver nisso, de fato, apenas uma diferença de conceituação ou de leitura. O somatório dos conhecimentos biológicos leva a uma descrição do corpo que corresponde, sem dúvida, a um estado de coisas no mundo objetivo. Significaria dizer, então, que as investigações psicanalíticas levariam a uma descrição fictícia do corpo, não somente devido ao método utilizado (que não é da ordem do experimento científico), mas também porque essa descrição seria incompatível com os fatos devidamente estabelecidos pela biologia? Se essa fosse a conclusão, o caso seria simples; bastaria remeter a leitura psicanalítica do corpo às concepções obscurantistas. Tal conclusão não daria conta dos conhecimentos que a psicanálise fornece sobre o corpo, justamente em terrenos em que a biologia se cala: o sonho, a fantasia, o desejo, o sofrimento, o prazer, o amor e, de forma mais ampla, os afetos passam pelo corpo e o mobilizam incontestavelmente.

Não se pode negar que o somatório dos conhecimentos obtidos pela psicanálise leva, também, à descrição de um corpo, mas o surpreendente é que, sem dúvida, esse corpo é diferente do corpo fisiológico. Em outras palavras, precisamos admitir que *vivemos simultaneamente em dois corpos: respectivamente, o corpo biológico e o corpo “erótico”.*

Com a primeira conclusão de que não há paralelismo entre esses dois corpos, surge o problema das relações en-

tre eles, a começar por aquelas relações que determinam a formação do segundo corpo. A menos que se assumam riscos ontológicos e epistemológicos consideráveis, é preciso admitir que o segundo corpo só pode se formar a partir do primeiro. Esse problema foi especificamente estudado, em 1986, na segunda parte do meu livro. Da primeira parte, mantive aqui apenas o capítulo dedicado ao sonho, por ser indispensável à compreensão da subversão libidinal, da qual ele é um dos principais encarregados.

A segunda parte do livro, dedicada ao exame dos impactos desse percurso entre biologia e psicanálise na teoria psicanalítica do funcionamento psíquico, foi mantida e remanejada. Formulou-se a conclusão de que, entre a biologia e a subjetividade, não é possível estabelecer uma continuidade nem uma verdadeira articulação. Ao contrário, deve-se reconhecer primeiramente uma ruptura. Existem, no entanto, ligações entre as funções fisiológicas e a economia pulsional, mas sua forma jamais seria definitiva. Tais ligações teriam de ser reconstruídas e confirmadas por cada indivíduo durante toda a vida. Os dois corpos — o corpo biológico e o corpo erótico — não seriam apenas conceitos, mas corresponderiam perfeitamente a duas realidades distintas. Essa distinção, por sua vez, não é um dado natural determinado desde o nascimento. Entre os dois corpos haveria uma relação de engendramento. O corpo erótico pertenceria ao adquirido e se construiria progressivamente a partir do corpo biológico, que, ao contrário, provém do inato. Este livro explicita o processo mediante o qual o corpo erótico se descola progressivamente do corpo biológico. Propus chamar esse processo de “subversão libidinal” (subversão libidinal das funções biológicas em proveito da economia erótica). Da qualidade e da progressão desse processo dependeria o surgimento do corpo erógeno, que, em nossa perspectiva, é também a origem da subjetividade, o fundamento da experiência subjetiva e o lugar eletivo onde se vivencia a subjetividade em si.

Se a subversão libidinal está atrelada à qualidade do encontro entre o corpo da criança e o inconsciente do adulto,

o processo de apropriação dessa experiência e sua sedimentação no corpo erógeno seriam sustentados pelo trabalho do sonho. O sonho revela ser, então, não só a demonstração das relações entre exigência biológica e emancipação erótica, mas também o arquiteto de uma obra. Esta levaria a uma forma — o corpo erógeno — cujos contornos seriam específicos de cada sujeito. O corpo, tanto em sua capacidade de se mobilizar quanto em sua capacidade de vivenciar o contato com o outro, bem como naquilo que limita seu uso e sua sensibilidade, refletiria fielmente a história das relações entre a criança e o adulto. Assim, a arquitetura do corpo erógeno seria uma das formas pelas quais a infância é memorizada no adulto.

Seria apenas uma das formas, pois essa história também se replica em outro nível descritivo, mais abstrato e menos clínico que o corpo: no nível tópico, ou seja, aquele da arquitetura do aparelho psíquico e da formação dos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente.

O percurso entre biologia e psicanálise leva ao reconhecimento de um lugar específico para aquilo que é da ordem do inato e das disposições instintuais, alcançando o nível da organização do inconsciente. As disposições instintuais constituem o substrato a partir do qual se desenvolve todo o processo de subversão libidinal. Esta extrai, de certa forma, do patrimônio dos comportamentos inatos, o material para construir o corpo erógeno. Ao fazê-lo, ela modifica o próprio patrimônio instintual. Corrompe as origens animais do homem. Alguns autores chegam à conclusão de que as modificações sofridas pela esfera instintual são tão significativas no ser humano que a referência aos instintos não é pertinente à antropologia. O ser humano seria totalmente desnaturalizado. O ponto de vista desenvolvido neste livro é diferente. A subversão libidinal é um processo cuja resolução é incerta. Ela nem sempre pode ser levada a seu termo possível; isso depende não só do intelecto da criança, como também da maneira pela qual o adulto trata o corpo dessa criança. O que é feito, então, do resto instintual? Sob quais

formas ele sobrevive no funcionamento corporal, nas relações entre os dois corpos e na psicopatologia? Diferentes arranjos são possíveis, mas os impasses da subversão libidinal se traduzem numa vulnerabilidade psíquica na totalidade dos casos. Para compensar essa vulnerabilidade, estabelece-se frequentemente um compromisso mais ou menos estável por intermédio de um procedimento específico denominado *clivagem*. Mas a clivagem descrita por Freud sob a denominação de “clivagem do eu” parece estender-se bem além do eu, alcançando até mesmo o inconsciente. Retomar essas conclusões no plano da descrição tópica do aparelho psíquico leva a uma formulação que, em 1986, designei pelo nome de “terceira tópica” ou “tópica da clivagem”.

O capítulo sobre a análise comparada do sonho segundo a biologia e a psicanálise, bem como a apresentação da terceira tópica, é retomado aqui numa versão remanejada. Respondendo, em certa medida, às críticas enunciadas por François Dagognet no prefácio do meu livro, acrescentei um capítulo: o capítulo II. Trata-se de pôr à prova as hipóteses formuladas acerca do corpo erógeno no caso de uma paciente que iniciou uma psicanálise depois de um câncer.

A hipótese da terceira tópica foi discutida por psicanalistas em várias escolas na França e no exterior, bem como em algumas universidades que ensinam a psicossomática. Os debates que prosseguem ainda hoje sobre as relações entre o inconsciente e as doenças do corpo permitiram conceber a publicação do presente livro. Porém, é preciso considerar hoje o que os debates realizados durante quinze anos trouxeram para essa concepção de uma tópica da clivagem. Por isso, um novo capítulo conclusivo explica o conteúdo e as razões das reformulações propostas aqui.